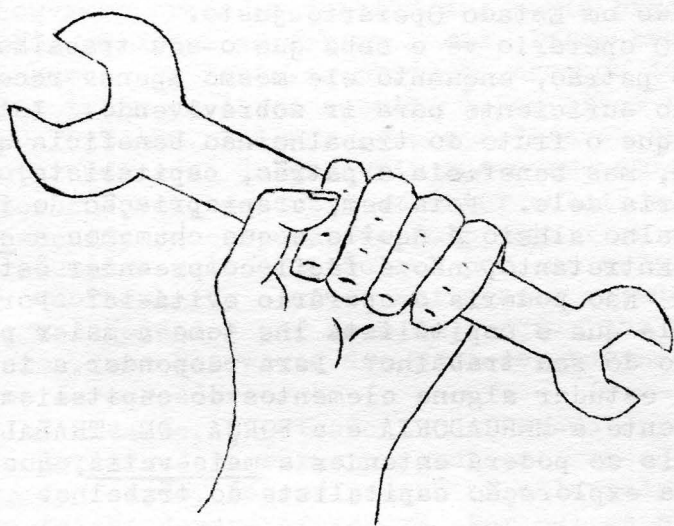


# A EXPLORAÇÃO CAPITALISTA



cadernos

LUTA PROLETÁRIA

Todo o operário sabe que é explorado. O que talvez não saiba é que esta exploração faz parte da natureza do sistema capitalista, e que só a eliminação do sistema capitalista eliminará a exploração. O estudo da exploração capitalista, chamada mais-valia prova cientificamente que o capitalismo é um regime injusto para o operário, seja quem fôr o patrão. Por isto o operário consciente não luta apenas contra o seu patrão, mas luta contra o sistema capitalista. E a luta contra o capitalismo só é forte quando é colectiva e organizada. O estudo da mais-valia prova cientificamente que a finalidade da organização operária deve ser a expropriação dos capitalistas e a criação de um Estado Operário justo.

O operário vê e sabe que o seu trabalho enriquece o patrão, enquanto ele mesmo apenas recebe um salário suficiente para ir sobrevivendo. Isto quer dizer que o fruto do trabalho não beneficia quem trabalhou, mas beneficia o patrão, capitalista, que se apropria dele. Pois bem, a apropriação do fruto do trabalho alheio é aquilo a que chamamos a exploração.

Entretanto, não é fácil compreender esta exploração. Não poderia o operário evitá-la? Porque permite ele que o capitalista lhe tome a maior parte do fruto do seu trabalho? Para responder a isto, é preciso estudar alguns elementos do capitalismo, principalmente a MERCADORIA e a FORÇA DE TRABALHO. Só depois se poderá entender a mais-valia, que é a chave da exploração capitalista do trabalho.

MERCADORIA - Quando alguém produz um objecto para seu uso próprio ou para dar a um amigo, esse objecto é sem dúvida um produto, MAS NÃO É UMA MERCADORIA. Porém, se fôr obrigado a trocar o objecto por outro produto qualquer ou por dinheiro, esse mesmo objecto passa a ser uma mercadoria.

Mercadoria, portanto, é tudo o que se produz para a TROCA e não para o consumo de quem produziu. Assim, a mercadoria destina-se a uso de uma outra pessoa, que por sua vez, oferece outra mercadoria, ou dinheiro, em troca daquela de que necessita para seu uso próprio.

Pode dizer-se, portanto, que toda a mercadoria tem duas funções, uma de uso e uma de troca, às quais chamamos VALOR DE USO e VALOR DE TROCA.

Assim, por exemplo, a batata tem valor de uso, pois serve para alimentação. O valor de uso do sapato está na protecção que dá aos pés. A enxada tem valor de uso porque revolve a terra, e assim por diante. De uso tu do o que satisfaz alguma necessidade humana. O valor de uso sempre existiu, pois o homem sempre produziu para satisfazer as suas necessidades.

O valor de troca, pelo contrário, nem sempre existiu. A princípio os homens consumiam o que produziam de modo a que pouco sobrava para trocar. Portanto, para que houvesse troca em quantidade, seria preciso que a produção, ao menos em certos ramos, fosse bem maior que o consumo. De facto, a produção cresceu tornando possível a troca em larga escala, e com ela a DIVISÃO SOCIAL DO TRABALHO: alguns grupos dedicavam-se mais a um produto, deixando de produzir outro que um outro grupo, por sua vez, produzia em maior quantidade. Assim, quem cuida do campo deixa de produzir as enxadas, agora produzidas pelo artesão que por sua vez deixa de plantar e colher. Um e outro satisfazem as suas respectivas necessidades por meio da troca. Aos poucos, desta forma, uma boa parte dos produtos humanos transformou-se em mercadoria.

Se, no entanto, o artesão trocar a sua enxada pelo alimento do lavrador, surge um problema: quantos sacos digamos, de feijão, deverá pedir? E o lavrador quantos sacos de feijão deverá oferecer? Por outras palavras, como saber o valor de troca duma mercadoria? Para responder a esta pergunta, é preciso descobrir o que existe de comum em todas as mercadorias, que permita comparar-lhes o valor. A comparação material não explica nada: o feijão é vegetal e a enxada é de ferro, MAS QUAL DOS DOIS VALE MAIS? Também o valor de uso não basta para explicar o valor de troca: o feijão serve para comer e a enxada para revolver a terra, ambas as coisas são necessárias, cada uma a seu tempo, MAS QUANTO VALEM?

O que há de comum no feijão e na enxada, o que há de comum em todas as mercadorias, é que SÃO FRUTO DO

TRABALHO HUMANO, isto é, todas elas -mesmo os frutos colhidos no mato- dependem dum tanto de trabalho do homem. O alimento comido pelo artesão depende do trabalho do lavrador, e a enxada do lavrador depende do trabalho do artesão. Assim, tanto na enxada como no feijão entrou uma certa quantidade de trabalho humano, que pode ser medido em tempo. E é este trabalho denominador comum de todas as mercadorias que permite compará-las e trocá-las em determinadas proporções. O VALOR DA MERCADORIA É DETERMINADO PELO TEMPO DE TRABALHO NECESSÁRIO À SUA PRODUÇÃO. Entretanto isto não quer dizer que o de um trabalhador lento valha mais do que o produto de um trabalhador mais rápido. Trata-se aqui de um trabalho MÉDIO. Resulta que O VALOR DA MERCADORIA É DETERMINADO PELO TEMPO SOCIALMENTE NECESSÁRIO PARA A SUA PRODUÇÃO. Como veremos, é assim também que se determina o valor da força de trabalho, a mercadoria mais importante do sistema capitalista.

FORÇA DE TRABALHO - A força de trabalho nem sempre foi uma mercadoria. Para exemplo vejamos o artesão: trata-se de um produtor independente, que vende o seu produto, digamos, uma enxada, e não vende a sua força de trabalho, a qual portanto não é mercadoria. Isto é possível, porque o artesão é do no tanto do seu trabalho como dos seus MEIOS DE PRODUÇÃO, quer dizer, é dono dos seus instrumentos e da matéria prima que vai usar; por consequência é dono, também, do seu produto, da enxada que o seu trabalho produziu. A expansão capitalista, entre - tanto, liquidou a maior parte dos artesãos, que não puderam concorrer com as fábricas sempre crescentes. Indivividavam-se e perdiam os seus meios de produção, até que nada lhes restasse para vender, A NÃO SER A SUA FORÇA DE TRABALHO. A sua força de trabalho neste caso, é a sua força física mais a sua inteligência, ou, por outras palavras, o seu músculo mais o seu cérebro.

Ora, sem os meios de produção a força de trabalho não tem préstimo. O melhor tecelão deste mundo não tece nada se não tiver tear e fio. Separado dos



seus meios de produção, a classe trabalhadora ficou a depender, para o seu trabalho, da classe dos capitalistas, isto é, da classe dos proprietários dos meios de produção. O trabalhador foi forçado a procurar o capitalista, para lhe vender a sua força de trabalho, EM TROCA DE UM SALÁRIO. Assim, o artesão transformou-se em assalariado, passando a vender a sua força de trabalho, por dia, por semana, por mês. Foi o que fizeram os artesãos arruinados, e também os camponeses que o capitalismo expulsava e expulsa das suas terras. Surgia deste modo a grande massa proletarizada e pobre das cidades, cuja única mercadoria são os seus músculos e o seu cérebro. Surgem deste modo a força de trabalho do nosso tempo, a qual produz mas não consome a gigantesca riqueza do capitalismo industrial.

VALOR DA FORÇA DE TRABALHO - No sistema capitalista, portanto, a força de trabalho é uma mercadoria. Como é que se determina o seu valor? Vimos que o valor da mercadoria é determinado pelo tempo de trabalho socialmente necessário à sua produção. Quanto tempo de trabalho será necessário à produção da força de trabalho? A resposta não pode ser directa, pois a força de trabalho não é produzida directamente na fábrica. Quanto tempo de trabalho é necessário, então, para produzir os músculos e o cérebro do trabalhador? A resposta é fácil se considerarmos o conjunto da classe operária. Para que se produza a sua força de trabalho é necessário que esteja e continue viva, isto é, se alimente, durma, agasalhe e reproduza. Sem isto, não poderia voltar diariamente aos latifúndios e às fábricas do capital, para lá vender a sua força de trabalho. Ora, enquanto cresce, estuda e trabalha, o homem consome uma certa quantidade de mercadorias, que pode ser medida em tempo de trabalho. Medindo este valor, estaremos a medir, indirectamente, o valor da força de trabalho.

Casa, comida, roupa e educação, entretanto, podem ser boas e podem ser ruins. Em regime capitalista, por que a oferta de mão-de-obra tende a ser maior do que a procura, o trabalhador é forçado a contentar-se com o mínimo vital, para não perder o emprego. Por isso a sua casa, a comida, a roupa e a educação serão ruins. Por -

tanto, o valor da força de trabalho é igual ao valor dos meios de subsistência, principalmente dos géneros de primeira necessidade, indispensáveis à reprodução da classe operária. Este valor é pago no salário que deve dar para o que é estritamente necessário: a sobrevivência e o mínimo de educação necessária ao trabalhador. É este o círculo vicioso do capitalismo, em que o assalariado vende a sua força de trabalho para sobreviver. E o capitalismo lhe compra a força de trabalho para enriquecer. A razão deste círculo vicioso está na mais-valia que passamos a estudar.

A MAIS-VALIA - Vimos que o valor de troca da força de trabalho é igual ao valor dos meios de subsistência indispensáveis à reprodução da classe operária. Supunhamos que a produção desses meios de subsistência, necessários ao trabalhador médio, leva em média quatro horas de trabalho. Supunhamos também que o preço de quatro horas de trabalho seja quarenta escudos. Neste caso, a força de trabalho VALE 4 horas de trabalho e o seu preço, o seu salário, é 40 escudos.

Trabalhando 4 horas por dia, o trabalhador produz os seus meios de subsistência, ou um produto de valor igual ao dos seus meios de subsistência. Este produto pode ser chamado NECESSÁRIO, pois é necessário à renovação física do trabalhador. Pela mesma razão estas 4 horas podem ser chamadas de TRABALHO NECESSÁRIO.

Entretanto, o operário é obrigado a trabalhar muito mais do que as quatro horas necessárias. Trabalha 8, 10, 12 horas por dia. Por outras palavras, produz muito mais do que o produto necessário, produz muito mais do que consome, produz um excedente.

Vejamos o que acontece quando o trabalhador vende a sua força de trabalho ao capitalista. A força de trabalho, como qualquer outra mercadoria, tem um valor de uso e um valor de troca. No nosso exemplo o valor de troca é de 40 escudos, equivalentes às 4 horas de trabalho necessário. Qual será o seu valor de uso? Quando paga estes 40 escudos -o salário do

trabalhador- o capitalista adquire o direito de consumir, de utilizar a sua força de trabalho por UM DIA. É este o seu valor de uso. Portanto, o capitalista consome a força de trabalho fazendo com que ela trabalhe e produza durante um dia normal, digamos, de 8 horas.

ATENÇÃO: O CAPITALISTA PAGOU 4 HORAS DE TRABALHO MAS RECEBEU 8. As quatro horas que não foram pagas, as horas de trabalho excedente, são a mais-valia do capitalista. Esta troca desigual, repetida milhares de vezes com milhares de operários ao longo dos anos, é a mola e a essência deste sistema de exploração.

É necessário dizer que esta troca, por mais legal e contratada que pareça, é uma violência diariamente cometida contra a classe operária. Como pode o trabalhador aceitá-la? Vamos repetir o argumento. O trabalhador não tem que vender além da sua força de trabalho e precisa de a vender para sobreviver. Portanto, é forçado pela fome ou mesmo pela polícia e pelo exército a concordar com o salário que os patrões propõem. Entretanto, no espaço de um dia, de uma semana ou de um mês de trabalho, o trabalhador produz muito mais do que o seu salário. Esta diferença, chamada MAIS-VALIA é embolsada pela classe capitalista, e é a substância de toda a sua riqueza. Assim como um boi produz mais do que o que come, e enriquece o seu dono, a classe trabalhadora produz muito mais do que o que consome e enriquece os proprietários dos meios de produção. Deste modo, os trabalhadores são os BOIS DO SISTEMA CAPITALISTA: consomem apenas uma parte do que produzem, a parte necessária para que continuem vivos e trabalhando a outra parte, a mais-valia, é apropriada pela burguesia, QUE VIVE ÀS CUSTAS DA CLASSE TRABALHADORA.

Mas um homem não é um boi, e para conservá-lo na condição de boi é necessária a violência. De facto, a função principal da polícia e do exército nos países capitalistas é a de garantir pela força a propriedade privada dos meios de produção, isto é, a exploração capitalista do trabalho. Em troca deste serviço, as forças armadas -que não vivem do ar- recebem uma parte da mais-valia produzida pelo operariado. Por outras palavras, a classe operária -hoje- sustenta as forças arma

das que a oprimem, e a classe capitalista que a explora.

Para recapitular: a força de trabalho é uma mercadoria cujo valor de troca -pago no salário- é me -nos do que o valor criado no seu uso -o produto de um dia, de uma semana ou de um mês de trabalho. A força de trabalho, portanto, é uma mercadoria desven -tajosa para o seu vendedor -o operário- e vantajosa para o seu comprador -o capitalista. Portanto, en -quanto a força de trabalho fôr mercadoria, haverá exploração capitalista. Por outro lado, vimos que a força de trabalho é mercadoria porque a classe traba -lhadora está separada dos seus meios de produção. Por consequência, deixará de ser mercadoria quando a classe trabalhadora tomar para si os meios de produ -ção, expropriando a classe dos exploradores.

ESTE É O PROGRAMA DA REVOLUÇÃO